

Ano 7, Vol XIII, Número 2, Jul-Dez, 2014, Pág. 136-150.

## OS ESTUDOS CULTURAIS E A TRADIÇÃO AVANT LA LETTRE BRASILEIRA: POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES NOS ESTUDOS DA CULTURA

Lourival Inácio Filho<sup>1</sup>

Elaine Lucio Loebelin<sup>2</sup>

Jucicleide Araújo<sup>3</sup>

Deivis Nascimento dos Santos<sup>4</sup>

José Lucas Pedreira Bueno<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este artigo se consubstancia em uma análise comparativa entre os Estudos Culturais de origem britânica e a tradição dos estudos sócio históricos brasileiros. No qual intentamos apontar aproximações. Busca apresentar e discutir aspectos relacionados aos Estudos Culturais, tanto pela sua origem e institucionalização a partir da Grã-Bretanha, como por meio de uma visão panorâmica apresentar seus objetos, fontes e abordagens, bem como suas possibilidades de atuação junto à tradição brasileira, nas possibilidades interdisciplinares de análise crítica a partir do inter-relacionamento entre história, cultura e sociedade.

**ABSTRACT:** This paper substantiates on a comparative analysis between the British Cultural Studies and the Brazilian social-historical studies tradition which we try to point out some approximations. It aims to present and discuss aspects related to Cultural Studies, both by its origin and institutionalization from the Great Britain by a panoramic presentation of their objects, sources and approaches, as well as their acting possibilities according to the Brazilian tradition and interdisciplinary critical analysis opportunities in line with the interrelationship between history, culture, and society.

Palavras-chaves: Estudos Culturais, Interdisciplinaridade, crítica da cultura.

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos vivemos no Brasil e no mundo uma pluralidade de reivindicações de múltiplas conotações: étnicas, sexuais, de sexualidade, religiosas entre outras, que há tempos – no caso brasileiro – viveram relegadas a ficarem em baixo de um tapete metaforicamente construído por nossa “*democracia racial*” e as nossas

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Rondônia e mestrando em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia. [lourivalinacio@hotmail.com](mailto:lourivalinacio@hotmail.com)

<sup>2</sup> Assistente Social do Instituto Federal de Rondônia e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia.

<sup>3</sup> Assistente Social da Secretaria de Saúde de Rondônia, especialista em Gestão Social e Medidas Socioeducativas.

<sup>4</sup> Professor da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia e Mestre em Estudos Literários.

<sup>5</sup> Professor da Universidade Federal de Rondônia, doutor em Mestre e Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC.

“*revoluções de via prussianas*”. Tivemos na última década a ascensão da esquerda ao poder sem a ruptura com a *cordialidade* que nos caracteriza enquanto nação, onde se confundem esfera pública com esfera privada. Entramos na “*era da informação*” onde os meios de comunicação estão cada vez mais “*modernos*” – para deleite do mercado e ataque dos *hackers* – tem-se mercantilizado a cultura por uma *aceleração de tempo* a-natural e paralelo a isso nossa *classe média* aumentou e com ela o *mercado de bens simbólicos*. Vivenciamos crises econômicas cíclicas mundiais por meio das quais se evidencia a dialética capitalista neoliberal que salva bancos privados por meio da esfera pública em detrimento do *bem estar social* e de *leis trabalhistas* conquistadas historicamente ao longo do século XX, invertendo a lógica entre “*civilização*” e “*barbárie*” mesmo na Europa hoje em “*crise*”.

Novas demandas para os profissionais da educação com velhas práticas com incrível poder de adaptação que tem em comum a vida social, econômica e política que, segundo Raymond Williams (2001), podem ser interpretadas por um tipo especial de *mapa* por onde se pode explorar a própria natureza dessas mudanças: a cultura, polissêmica por natureza e materializada na era das *mídias* como *base* concreta da vida material contemporânea pelos estudos culturais.

A origem deste texto está na preocupação de um entendimento de o que se define enquanto Estudos Culturais e quais as possibilidades de através da cultura possibilitar um entendimento mais aprofundado da realidade cada vez mais complexa de nossa contemporaneidade que auxilie professores e pesquisadores, através do apontamento das suas potencialidades e limites enquanto área de conhecimento e as possibilidades de diálogo com a tradição teórico-crítico-histórica *avant la lettre* Brasileira.

## 2. PERCURSO TEÓRICO E CONTEXTO HISTÓRICO: DO TEXTO AO CONTEXTO

**Os Estudos Culturais surgiram no contexto da Inglaterra pós-segunda guerra nos anos 1960, a partir da *New Left* que nas palavras de Maria Elisa Cevasco (2003) foi um dos movimentos intelectuais mais fecundos da história cultural inglesa do século XX, um momento de oxigenação no marxismo ocidental no qual uma “nova esquerda”, mesmo que heterogênea em seus quadros fez uma**

luta contra-hegemônica, a chamada “nova direita” que é descrita por Cevasco (ibid., p.21) como uma “retórica triunfalista do individualismo possessivo e da eficiência do mercado”.

Os principais campos de atuação da *New Left* eram educação de adultos<sup>6</sup>, a análise teórica e a propaganda. Este ambiente de luta mesmo não saindo vitorioso, possibilitou a gestação de teorias ligadas à cultura que iriam se desenvolver nos anos seguintes no que ficaria conhecido como *Cultural Studies*, nos quais podemos destacar entre outros, Raymond Williams, Richard Hoggart e Stuart Hall<sup>7</sup>.

Em 1964 foi criado na universidade de Birmingham o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), responsável pela institucionalização dos estudos culturais e grande vitória político-acadêmica para seus fundadores.

Os estudos culturais são uma proposta metodológica de cunho nitidamente interdisciplinar que pode ser trilhado por outros pesquisadores que se debruçam sobre a polissemia complexa que envolve e transforma a cultura em uma transversalidade discursiva inerente para se entender o mundo atual e seus signos reverberados pelas mídias de comunicação e sua evolução que se reflete nas novas formas como a cultura é encarada hoje. As novas abordagens trazidas pelos estudos culturais estão muito mais próximas de uma rede ou um movimento de ampliação mundial.

A concepção de rede é importante uma vez que possibilita pesquisar assuntos diferentes em áreas diferentes através da proposta dos estudos culturais. Neste sentido há uma aproximação entre os estudos culturais e os *Science studies* em Bruno Latour (1994) – mesmo este sendo um crítico mais centrado nas formulações da cultura erudita acadêmica e os teóricos dos Estudos Culturais serem mais voltados a ressignificação da cultura popular – ao criticar o conceito de “modernidade” ocidental e suas consequências, Latour privilegia a interação entre o discurso científico e a sociedade caracterizando-se como uma análise cultural. Latour (ibid., p.8-9) estranha à classificação da cultura intelectual por disciplinas:

Por falta de opções, nos autodenominamos sociólogos, historiadores, economistas, cientistas políticos, filósofos, antropólogos. Mas estas

<sup>6</sup> Que visava criar militância intelectual. Encabeçaram inicialmente tal empreitada Raymond Williams e E.P. Thompson a partir da Worker’s Education Association (WEA) (1989c, p.170 *apud.* Cevasco, 1998, 148).

<sup>7</sup> Todos originários de classes trabalhadoras e “populares”, dando importância em suas pesquisas ao empirismo trazido de tal experiência, fazendo com que busquem a cultura em suas pesquisas por ângulos menos convencionais a partir das classes populares.

disciplinas veneráveis, acrescentamos sempre o genitivo: das ciências e das técnicas. *Science studies* é a palavra inglesa; ou ainda este vocábulo por demasiado pesado: “Ciência, técnica, sociedades”. Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessado, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruído sem que desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas.

Uma forma clássica de se definir uma nova área de saber é quanto à definição de seu objeto e sua metodologia de trabalho, quando falamos em estudos culturais estamos falando de um conhecimento teórico abrangente com um leque de possibilidade analítico muito amplo. A começar pelo seu objeto central por excelência: a cultura. Raymond Williams (2001), um dos fundadores e principais teóricos dos estudos culturais britânicos, desnaturaliza a palavra cultura ao descrever sua evolução epistemológica e associá-la aos contextos históricos que influenciam nesta evolução do termo, principalmente nas transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial que mercantiliza a cultura com sua aceleração de produção.

[a palavra cultura era ligada a] “cuidar do crescimento natural” e logo, por analogia, um processo de formação humana [...] se modificou no século XIX para se falar de *cultura* como tal, como uma coisa em si. Em um primeiro momento chegou a significar “um estado geral, o hábito da mente” [...] mais adiante no século [XIX] chegou a significar “todo um modo de vida material, intelectual e espiritual” [...] o desenvolvimento da palavra *cultura* é o registro de uma série de grandes reações permanentes para essas mudanças [históricas] na nossa vida social, econômica e política, e pode ser em si mesma, um tipo especial de mapa por onde se pode explorar a própria natureza dessas mudanças (2001, p.15).

Williams em sua obra procede a uma desnaturalização do conceito e nos apresenta também uma primeira dicotomia: **cultura popular** versus **cultura erudita**. O conceito genérico de cultura popular em Williams vem de sua formação empírica, política e intelectual, surgida enquanto ideologia, contra-hegemônica em relação à cultura erudita que era vista como elitista e de pretensões “universais”.

O historiador Peter Burke (2005, p. 40-41) atualiza tais conceitos ao enxergar a cultura popular de forma mais vertical:

Para começar, é difícil definir o tema. Quem é “o povo”? Todos, ou apenas quem não é da elite? Neste último caso, estaremos empregando uma categoria residual e, como acontece muitas vezes em se tratando dessas categorias, corremos o risco de supor a homogeneidade dos excluídos. Talvez seja melhor seguir o exemplo de vários historiadores e teóricos recentes e pensar as culturas populares no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante<sup>8</sup>.

No Brasil, Alfredo Bosi (2002, p. 7-12) dá importante contribuição sobre o tema ao criticar a ideia de coesão e forma unitária, admitindo nossa pluralidade cultural como passo importante para sua compreensão. O conceito de *circularidade cultural* encontra-se em sua obra como *entrelaçamento*, onde as culturas de classes populares, de massa e erudita se influenciam e em tais imbricações, há ainda elementos de velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas (todas elas também poliformas); culturas migrantes externas: alemã, italiana, síria, judaica, japonesa entre tantas outras e internamente penetrando fundo em nosso cotidiano material e moral: nordestinos, paulistas e gaúchos entre outras. Essa aparência cultural de caos deve ser – segundo Bosi – ultrapassada pelo *uso e sentido do tempo*, onde os ritmos diversos das culturas no Brasil são acelerados por signos criados pela cultura de massas. Para Bosi (1994) a cultura popular é uma reminiscência, uma forma de resistência a esta aceleração do tempo, o que o aproxima das concepções de Raymond Williams. Para Bossi, ambas: a cultura popular e a erudita possuem formas de resistências, mesmo criticando a tradição marxista sobre o valor de troca da mercadoria cultural.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendemos os Estudos Culturais como uma possibilidade de abordagem interdisciplinar centrada nas “coisas da cultura” mais do que numa nova ciência dentro da grande área de Ciências Humanas, se entendermos ciência como a compartimentação clássica e suas fronteiras estabelecidas e aceitas enquanto tal numa lógica herdeira da mecânica newtoniana. Os estudos culturais possuem atualmente uma crescente institucionalização por universidades pelo mundo<sup>9</sup>, apesar de rejeições também

---

<sup>8</sup> Burke (1989; 2000) defende ainda a concepção de circularidade cultural, baseando-se em Carlos Ginzburg e Mikhail Bakhtin que seria a influência recíproca entre a *cultura popular* e a *cultura erudita*, em que o movimento de infiltração dos produtos culturais entre os setores eruditos sobre setores populares e vice-versa ocorreriam na dinâmica histórica.

<sup>9</sup> Na Universidade Federal de Rondônia há um mestrado em História e Estudos Culturais iniciado em 2012 e que já se encontra em sua segunda turma.

polêmicas é um campo de estudos e pesquisas que tendo suas origens no campo literário ultrapassou sua crítica “indo além do texto” engendrando diálogos importantes com a historiografia por meio da busca pela historicidade dos produtos culturais, entre os quais os *meios* de comunicação de massa e as obras literárias.

Walter Moser (1998) analisando a crise dos estudos literários – uma das bases da origem e expansão dos estudos culturais – descreve os objetos deste último como “as práticas culturais de nossa sociedade” e que “em nossas práticas culturais a literatura existe e ocupa um espaço que não deve ser negligenciado” mesmo que a tendência dos estudos culturais seja a de acentuar a transitividade do texto, atribuindo-lhe o estatuto de documento histórico, colocando suas estruturas em homologia com as estruturas sociais e, de uma maneira geral, direcionando sua leitura para referentes externos, em outras palavras, analisa o texto para além do texto. E também amplia a concepção de textos para textos culturais. Na verdade Moser traz a questão à tona em consequência de algumas tendências mais radicais de estudos da cultura proporem a suplantação dos estudos literários pelos estudos culturais.

Para Douglas Kellner (2001), um dos precursores dos estudos culturais nos Estados Unidos, as contribuições de Raymond Williams trouxeram à tona uma característica inerente à teoria dos estudos culturais que é a preocupação com a contextualização da investigação nas lutas e nos acontecimentos sociopolíticos contemporâneos. É sintomático que Williams (2001) desnaturalize e contextualize também a evolução etimológica das palavras *indústria*, *democracia*, *classe* e *arte*. Pois as transformações do conceito de cultura a partir da Revolução Industrial, estendida até o início do século XX de forma heterogênea pelo mundo criando hegemonias em que a cultura é percebida como um espaço de atuação política, que caracteriza as forças históricas envolvidas naquela modernização capitalista que mercantiliza a cultura.

Cevasco descreve a problemática nos seguintes termos:

Uma percepção da experiência da vida contemporânea<sup>10</sup>, marcada pela expansão vertiginosa dos meios de comunicação e pela invasão, pelas

---

<sup>10</sup> Esta preocupação com as imposições da cultura em todas as esferas da vida humana seja ela amplamente política (civilizatória) ou estritamente pessoal (psicológica), são anteriores aos estudos culturais, tendo sido analisada pela psicanálise de Freud que buscou estabelecer o mal estar civilizatório na cultura com suas imposições. “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não poder tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade” (Freud, s.d., p.16), isto seria mais específico no aspecto religioso da cultura. Em Freud a cultura é vista como um fardo imposto pela civilização e sem a qual a mesma não existiria.



necessidades da sociedade das mercadorias, de todas as esferas da vida humana, das mais amplamente políticas às mais estritamente pessoais, configurando o processo de aculturação que rege a vida pós-moderna [...] se tornou impossível deixar de ver que também a produção de significados é regida pela lógica da mercadoria. (Cevasco, 1998, p.161).

Será possível entender isso a partir de um exemplo concreto, para este fim acompanharemos a mercantilização e expansão dos bens culturais no Brasil a partir do Golpe de 1964, analisada por Renato Ortiz (2006) dentro de um avanço do capitalismo tardio no Brasil com medidas internacionalizantes iniciada em Juscelino Kubitschek, se pensarmos em modernização na forma clássica e de *via prussiana* podemos voltar até a Era Vargas com a decadência dos produtores de café e a industrialização, principalmente, ocorrida em São Paulo.

Nas décadas de 1960 e 1970 se consolida entre nós um mercado de *bens simbólicos* em que a televisão se caracteriza como veículo de massa em meados dos anos 60 e o cinema nacional se estrutura como indústria nos anos 70<sup>11</sup>, fenômeno semelhante vai se ampliar pelas esferas da cultura popular de massa como a indústria do disco, editorial, publicidade etc. O que já havia sido iniciado pela popularização do rádio a partir dos anos 30.

Ortiz trabalha os *bens culturais* contextualizando-os com o advento do Estado militar, que para o autor possui duplo significado: a dimensão política – repressão, censura, prisões e exílios e as mudanças econômicas – aprofunda as medidas econômicas do governo Juscelino Kubitschek<sup>12</sup>. Em tal contexto o mercado de bens simbólicos possui elementos político-ideológicos que os governos militares buscavam tratar de forma diferenciada, pois podiam expressar valores do regime e disposições contrárias às vontades políticas dos mesmos. Neste sentido a censura era usada de duas

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que a televisão foi veículo de cultura da mídia importantíssimo na ideologia de integração nacional através da criação de uma rede de telecomunicações que ligasse Norte e Sul, Leste e Oeste, com programas padronizados e homogêneos, como se o mundo fosse um só e as ideias iguais.

<sup>12</sup> É interessante destacar que nosso desenvolvimento tardio de Juscelino aos militares passou pelo problema da transnacionalização do capitalismo em que o Brasil se caracterizou como um país de capitalismo dependente, em que houve forte penetração e dominação de empresas estrangeiras na implantação de nossa indústria cultural. Plínio S. A. S. Jr. (1997, p. 242) analisa em sua tese de doutoramento tal problema revisitando as contribuições de Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Celso Furtado. Entre outros problemas ele enxerga o “desafio [que] consiste em assegurar a autonomia do espaço econômico nacional dentro do sistema capitalista mundial, promovendo a desconexão com o sistema imperialista e a constituição de uma base empresarial visceralmente vinculada ao mercado interno”.

formas: a repressiva que dizia simplesmente não e a disciplinadora, mais complexa ao afirmar e incentivar determinado tipo de orientação<sup>13</sup>.

Para Ortiz (2006, p. 116) os meios de comunicação de massa foram utilizados e rechaçados de forma estratégica pela força que aquela cultura de mídia possui. “Reconhece-se ainda a importância dos meios de comunicação de massa, sua capacidade de infundir ideias, de se comunicar diretamente com as massas, e, sobretudo, a possibilidade que tem de criar estados emocionais coletivos”.

O enfoque neste jogo dialético de interesses em que a cultura se apresenta como elemento preponderante entre classes dominantes e as “massas” repercute segundo Cevasco nas práticas de estudiosos da cultura que enuncia tal prática como herdeiros de Raymond Williams.

Williams promoveu o desmanche do mapeamento da vida mental que colocava a cultura em uma esfera autônoma, desvincilhada de ligações materiais e imunes ao fogo de interesses que rege uma sociedade de classes, pairando, em fim acima das particularidades históricas. Esta percepção se institucionalizou na nova disciplina de *cultural studies* e se concretizou em estudos voltados para exame das contradições sociais nas diversas manifestações de cultura – a literatura, o cinema, as produções de rádio, TV, cinema e jornais, a cultura dos *teenager* representada na música *pop* e também pelas suas formas de organização social – por exemplo, as gangues e os grupos de estilo. (1998, p.162).

Cevasco ainda via em Raymond Williams a atualização do conceito gramsciano de *hegemonia*<sup>14</sup> ao propor que ela vai além do nível mais elevado da ideologia e suas formas de controle, comumente vistas como manipulação ou doutrinação ganha mais complexidade e torna-se mais dialética ao colocar a hegemonia como um aspecto cultural. Em Williams a cultura vai da superestrutura a base (*materialismo cultural*) e é mais que simples expansão de campo, caracteriza-se como “teoria que se coloca em clara contraposição às formulações das correntes que pensam a linguagem em separado da vida social<sup>15</sup> onde ela adquire sentido [...] a cultura é um modo de vida [...] a linguagem não é um paradigma não histórico e imaterial” (ibid., p.163).

Apesar das diferenças internas os Estudos Culturais apresentam uma característica de movimento e como é comum aos movimentos se originou de forças

<sup>13</sup> É importante perceber que mesmo hoje, mais de duas décadas da redemocratização e a esquerda tendo chegado ao poder que de forma mais dissimulada e menos evidente ocorrem tentativas semelhantes com outras estratégias. Longe de achar que os veículos de *cultura da mídia* não disputem hegemonias por meio de tentativas de alienação de seu público.

<sup>14</sup> A autora define Raymond Williams como um intelectual orgânico que usava sua própria experiência como típica, sem parecer indulgente ou piegas.

<sup>15</sup> Crítica dirigida especialmente a F.R. Leavis do *Cambridge English*.



contra-hegemônicas, no combate ao *Establishment*. “A ideia de ‘cultura comum’ tinha como alvo o Cambridge English, de F.R. Leavis, cujo objetivo era erigir o estudo da literatura como um novo absoluto secular na Inglaterra. A crítica literária é levada por Leavis a ocupar o centro das Ciências Humanas” (ibid., p. 155). Williams incorpora e suplanta o projeto de Leavis – preso a uma visão restrita, elitista e passadista de cultura – e reelabora, em termos que desenvolve muito bem a realidade saturada de imagens e formas, numa teoria marxista da cultura.

Neste sentido Richard Hoggart<sup>16</sup> (1973), outro precursor dos *Estudos Culturais* ingleses fez interessante análise e interpretação, aquando da tentativa de apreender e descrever um objeto de estudo, a *cultura proletária*, no Norte urbano inglês, nas primeiras décadas do século XX, buscando, entre outros, detectar as influências dos meios de comunicação de massa nas transformações que observou de forma empírica entre aquele recorte social analisado que se configurava em suas reminiscências de infância. Analisou as disposições das casas no bairro, a disposição interna e o advento e ampliação dos cinemas como objetos ligados a cultura e a sociedade, sendo passíveis de interpretação e contextualização.

---

<sup>16</sup> Fundador do *Centre for Contemporary Cultural Studies*.

Há uma evidente preocupação com a “cultura popular” nestas obras. Para Cevasco (1998) Raymond Willians se caracteriza como a figura de destaque, colocando sua produção e participação como uma espécie de elo entre a primeira e a segunda geração da *New Left* ao compartilhar com os últimos as preocupações com a “cultura popular”, com a análise dos efeitos da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater as formas de *dominação cultural*.

Cevasco destacou três elementos importantes para entendermos os objetos e abordagens dos estudos culturais: a cultura popular; os efeitos das transformações sociais por meio da expansão dos meios de comunicação de “massa” e sua evolução e ampliação; E de forma engajada de ação, propõe formas de combater a dominação cultural. Porém, pela característica de conhecimento teórico que se alastraram em escala mundial, os estudos culturais apresentam heterodoxias regionais. Na América do Norte, por exemplo, há uma tendência em algumas universidades de que os estudos culturais suplantem os estudos literários o que a nosso ver é relativamente desinteressante.

Walter Moser (1998) e Ligia Chiappini (1999) enxergam cada um a sua maneira, com certa prudência esta tendência. Walter constata uma disputa entre os estudos literários e os estudos culturais, em que os últimos acusam aqueles de elitistas e de ver o texto pelo texto. Chiappini por sua vez busca entender a diluição de fronteiras entre disciplinas – presente nas abordagens interdisciplinares dos estudos culturais – buscando destacar a aproximação entre literatura e historiografia e critica também a postura dos estudiosos da cultura, principalmente nos Estados Unidos de quererem a passagem dos estudos literários para os estudos culturais, onde a autora vê uma contradição.

Acabam parecendo, contraditoriamente, como uma disciplina interdisciplinar [como os estudos culturais] que se vale da literatura como uma espécie de espelho do social e incorpora juntamente com os textos literários e historiográficos, outras manifestações culturais como o cinema, a literatura oral, a música popular [queira suplantam os estudos literários]. (CHIAPPINI, 1999, p.806).

A autora também critica as condições de aparecimento dos estudos culturais no Brasil, para quem muitos pesquisadores aderiram acriticamente a eles “menosprezando como é de praxe entre nós a cada nova onda importada à tradição dos bons estudos

teórico-crítico-históricos que temos” e elogia a aproximação entre estudos literários e historiografia como uma resposta positiva (idid., p.807).

No Brasil enxergamos a possibilidade de uma tradição *avant la lettre* de grandes estudos culturais, que apesar de diferentes na metodologia e na ideologia de seus autores nos permite realizarmos releituras, revisões historiográficas e discursivas importantes.

Como lembra [Antônio] Cândido, sua geração aprendeu a “refletir e a se interessar pelo Brasil, sobretudo [...] em função de três livros”. São eles *Casa Grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre (1900-1987), o vasto tratado das relações raciais no país da mestiçagem; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), uma leitura progressiva da cultura brasileira estruturada a partir de uma “exemplar interpretação desmistificadora do passado aliada a um senso democrático do presente”. O terceiro livro é *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior. Escrito de uma perspectiva claramente marxista, representa o resultado intelectual dessa formação de uma nova esquerda não dogmática. (CEVASCO, 2003, p.178-179).

Conexões como esta feita por Antônio Cândido entre autores de linhas ideológicas tão diferenciadas, mas atuando em um mesmo campo significativo, o da cultura, não de uma análise da cultura pela cultura, mas da cultura com a sociedade, valoriza a abordagem dos estudos culturais na sua proposta interdisciplinar na contemporaneidade. Três pesquisadores que já rompiam com as fronteiras de seus saberes na busca da apreensão e compreensão de seus objetos, onde se percebe nitidamente aspectos culturais perpassando toda a análise crítica dos mesmos. Que agora na era das tentativas de homogeneizações globalizantes são resgatados pelos aspectos culturais de distinção que pretenderam em suas obras mais significativas.

Uma atualização daquelas tendências encontra-se em trabalho significativo de João C. de Castro Rocha (1998) na sua atualização do conceito de *homem cordial* a partir de Sérgio B. de Holanda e sob a influência de Jürgen Habermas em que busca identificar e atualizar traços daquela *cordialidade* na literatura por meio de análise comparativa com as artes plásticas, história, indústria cultural (Televisão) e expressões da cultura popular (carnaval), em que detecta e exemplifica a hipertrofia da esfera privada sobre a pública na formação sócio-histórica-cultural brasileira.

A cordialidade deve ser compreendida menos como índice de uma hipotética índole nacional do que como estratégia de sobrevivência, criada – e a partir de então naturalizada – numa sociedade cuja esfera pública sempre permaneceu instável. Deste modo, o homem cordial dribla a ineficiência objetiva das instituições públicas, dado o predomínio da esfera privada, mediante um sistema para-institucional, baseado em contatos pessoais. Em outras palavras, substitui-se a racionalidade burocrática pela expressão efetiva de indivíduos que se dizem “amigos” logo após um primeiro contato (ROCHA, 1998, p.171).

Esta máxima da racionalidade burocrática entre indivíduos causava estranheza em comerciantes estrangeiros, como no pitoresco caso do comerciante da Filadélfia narrado por Sérgio Buarque (HOLANDA, 1998, p.148-149).

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditado por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividades que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.

Gilberto Freyre (2004) que sofreu forte restrição ideológica pelo seu apoio ao Golpe de 64 e suas posições conservadoras nos seus últimos anos de vida, sendo relegado a certo grau de ostracismo nas academias brasileiras durante alguns anos, atualmente é regatado pela abordagem também culturalista que vem de encontro aos estudos culturais e outras perspectivas investigativas ligadas à cultura.

Se em Raymond Williams temos um intelectual orgânico saído das classes trabalhadoras em Gilberto Freyre temos o inverso, de família oligárquica de um Nordeste que outrora fora grande nas produções dos engenhos, sua obra perpassa este sentimento saudosista, anterior à decadência daquela indústria – também presente em José Lins do Rego – período em que vai buscar nossa formação cultural, em que, mesmo que ainda sob o domínio português, começa a cristalizar nossas relações sociais de classe<sup>17</sup>. É sintomático observar que assim como Castro Rocha (1998), Freyre (2004, p.47) tece críticas, a seu modo, quanto ao excesso de crônicas literária patrióticas nos estudos sobre o Brasil.

É pena – seja-me lícito observar de passagem – que algumas revistas de história dediquem páginas e páginas à publicação de discursos patrióticos e de crônicas literárias, quando tanta matéria de interesse rigorosamente histórico permanece desconhecida ou de acesso difícil para os estudiosos.

Em relação à ampliação das fontes de pesquisa Freyre (ibid., 49), sempre centrando seu olhar arguto nos aspectos culturais, possibilita interessante abordagem ainda atual.

De outras fontes de informações ou simplesmente de sugestões, pode servir-se o estudioso da vida íntima e da moral sexual no Brasil dos tempos de escravidão: do folclore rural nas zonas mais coloridas pelo trabalho escravo; dos livros e cadernos manuscritos de modinhas e receitas de bolo, das coleções de jornais; dos livros de etiqueta; e finalmente do romance brasileiro

---

<sup>17</sup> Mesmo que implicitamente, obscurecida que fica em sua obra pela idealização de uma miscigenação “democratizante” entre nós.

que nas páginas de alguns dos seus melhores mestres recolheu muito detalhe interessante da vida e dos costumes da antiga família patriarcal.

Em sua busca sobre o entendimento da formação do Brasil, vai da “cultura popular” (folclore rural, modinhas, receita de bolos) a “alta cultura” (livros de etiqueta e romances), passando pelos meios de comunicação de massa (jornais) e pela moral (sexual). Há em sua obra aspectos totalizantes da cultura, por meio da multiplicidade de abordagens a que se propõe, apesar de que em Freyre a cultura não possua elementos de coerção ou superação da dominação entre classes, principal crítica de Florestan Fernandes e seus seguidores a obra freyriana que segundo aqueles, engendra uma falsa ideologia da “democracia racial”.

Peter Burke (1997) atualiza Gilberto Freyre por outro aspecto: sua contribuição para o entendimento da formação do Brasil por meio de aspectos da *cultura material*, esta constituída em *texto cultural* na obra do pernambucano.

Apesar de centrar-se na busca de relação entre as interpretações freirianas para a cultura com a tradição historiográfica francesa dos *Annales*, Burke aponta possibilidades de análise cultural, principalmente de cultura material como a importância da habitação nas obras do pernambucano.

A importância da habitação em Casa-grande & senzala e em Sobrados e mucambos é indicada pelos títulos assim como pelos conteúdos desses livros. Também em estudos posteriores, Freyre escreveu sobre as variações na edificação como sendo expressões de variações na cultura. Ordem e Progresso, por exemplo, inclui várias páginas sobre o chalé. Um estudo da década de 70 defendeu o trabalho do autor contra os críticos e tentou uma síntese das abordagens antropológica, histórica e sociológica da habitação de seus livros anteriores [...]. Falta apenas que alguém atualize sua história social com estudos da história social da favela, do condomínio e talvez do shopping (BURKE, 1997, p. 2-3).

Eis aí uma possibilidade aberta para os estudos culturais que – parafraseando Cevasco (2003, p.7) – transforma refinados fãs de Shakespeare ou Guimarães Rosa em fãs de cultura *pop* e analistas de *shopping centers*.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos culturais se caracterizam como uma proposta que possibilita respostas por meio de abordagens interdisciplinares tendo a cultura – “os modos de vida (material, intelectual e espiritual)” – como fator norteador para a já antiga “crise de paradigmas” de décadas anteriores. Permite por meio dos “produtos culturais”, engendrar conexões em que as fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento não se

choquem ou “invadam” espaços de outros – uma vez que possibilita usar múltiplas teorias sociais como exemplificado ao longo deste texto – permitindo um diálogo construtivo e uma contribuição interessante para ir “além do texto”, buscando a contextualização através da movimentação do olhar sobre a cultura em diferentes direções: da erudita a popular (na análise vertical) e nas múltiplas possibilidades (na análise horizontal).

Outro aspecto de destaque para quem se debruce no tipo de investigação proposta pelos estudos culturais é a primeira sensação de caos diante da complexidade que envolve tal empreitada, uma vez que a velha ideia de “cultura universal” já caiu por terra e o conceito atual a torna múltipla, porém não caótica como quer que assim pareça a sua mercantilização pelos meios de comunicação de massa que tem acelerado seu tempo de produção.

E por fim, e talvez aí resida a contribuição mais importante de sua origem britânica, mas especificamente na obra de Raymond Williams consubstanciada no *materialismo cultural* que gerou uma desnaturalização do conceito de cultura muito importante para os estudos culturais. Sua materialização possibilitou um ponto de vista, um ângulo observável que pretende abranger uma totalidade da vida sócio-histórica numa perspectiva que transversaliza aspectos econômicos, políticos e sociais por meio e para além dos textos culturais, criticando seu potencial de dominação e idealizando suas formas de resistências.

A dimensão cultural, demonstrada ao longo deste texto é rica o suficiente para gerar um grande número de objetos e possibilidades que é atravessada pelo polissêmico conceito de “cultura”, em que cada um dos seus signos e significados pode abrir uma possibilidade analítica histórica e educacionam diferente nessa era de *trans, des e pós* tudo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: \_\_\_\_\_. **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- BOSI, A. Cultura brasileira x culturas brasileiras. In: \_\_\_\_\_. **Dialéticas da Colonização**: São Paulo. Companhia das Letras, 1995.
- BURKE, P. Estruturas da cultura popular. In: **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Unidade e variedade na história cultural. In: **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.



- \_\_\_\_\_, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. In: **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(2): 1-12, outubro de 1997
- CEVASCO, M, E. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. Cultura: um tópico britânico do marxismo ocidental. In: LOURENRO, I.; MUSSE, R. (Orgs.). **Capítulos do marxismo ocidental**. São Paulo: Editora na UNESP, 1998, p. 145-172.
- CHIAPPINI, Lígia. Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje. In: Simpósio Nacional da Associação Nacional da História, 20., 1999: Florianópolis. **Anais...** São Paulo: Humanitas/USP. 1999, v. 2 p. 805-817.
- FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- HOGGART, R. **As utilizações da cultura**. Lisboa: Presença, 1973.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru: EDUSC, 2001.
- LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MOSER, W. Estudos Literários e Estudos Culturais. **Revista Literatura e Sociedade**. DTLIC, FFLCH-USP. São Paulo, n. 03, 1998.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ROCHA, J. C. de C. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- SAMPAIO JÚNIOR, P. A. **Entre a nação e a barbárie**: os dilemas do capitalismo dependente em Caio Prado, Florestan Fernandes e Celso Furtado. São Paulo: Vozes, 1999.
- WILLIAMS, Raymond, **Cultura y sociedad**: 1780-1950 de Coleridge a Orwell. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.
- Recebido em 05/8/2013. Aceito em 15/10/2013.**

### Contatos:

Lourival Inácio Filho<sup>18</sup>  
Elaine Lucio Loebelin<sup>19</sup>  
Jucicleide Araújo<sup>20</sup>  
Deivis Nascimento dos Santos<sup>21</sup>  
José Lucas Pedreira Bueno<sup>22</sup>

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Rondônia e mestrando em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia. [lourivalinacio@hotmail.com](mailto:lourivalinacio@hotmail.com)

<sup>18</sup> Professor do Instituto Federal de Rondônia e mestrando em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia. [lourivalinacio@hotmail.com](mailto:lourivalinacio@hotmail.com)

<sup>19</sup> Assistente Social do Instituto Federal de Rondônia e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia.

<sup>20</sup> Assistente Social da Secretaria de Saúde de Rondônia, especialista em Gestão Social e Medidas Socioeducativas.

<sup>21</sup> Professor da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia e Mestre em Estudos Literários.

<sup>22</sup> Professor da Universidade Federal de Rondônia, doutor em Mestre e Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC.